

Aposentadoria: atitudes e percepções

Marcelo Neri

Centro de Políticas Sociais do IBRE e da EPGE
(mcneri@fgv.br)

A teoria do ciclo de vida de Franco Modigliani é frequentemente invocada para explicar as motivações para comportamentos financeiros das pessoas físicas, à medida que envelhecem. De acordo com a teoria, a expectativa de queda da renda do trabalho na terceira idade induz as pessoas à acumulação prévia de ativos, a fim de financiar um padrão estável de consumo e de bem-estar durante os anos finais da vida. No Brasil, temos o hábito de questionar a validade de teorias globais, em prol de conjecturas locais, e perguntamos: será que a motivação de poupança de prazo tão longo, como proposta por Modigliani, sobreviveria ao conhecido hábito brasileiro de pensar e trabalhar somente no curto prazo?

Mesmo que a hipótese central de suavização privada do bem-estar ao longo do tempo seja rejeitada no nosso contexto, a teoria oferece um arcabouço interessante para analisar como a insuficiência de ações privadas é compensada pela ação pública, por meio de transferências de renda e aposentadorias, ou, alternativamente, para aferir os impactos da falta de proteção social que caracterizaria a população da terceira idade no Brasil.

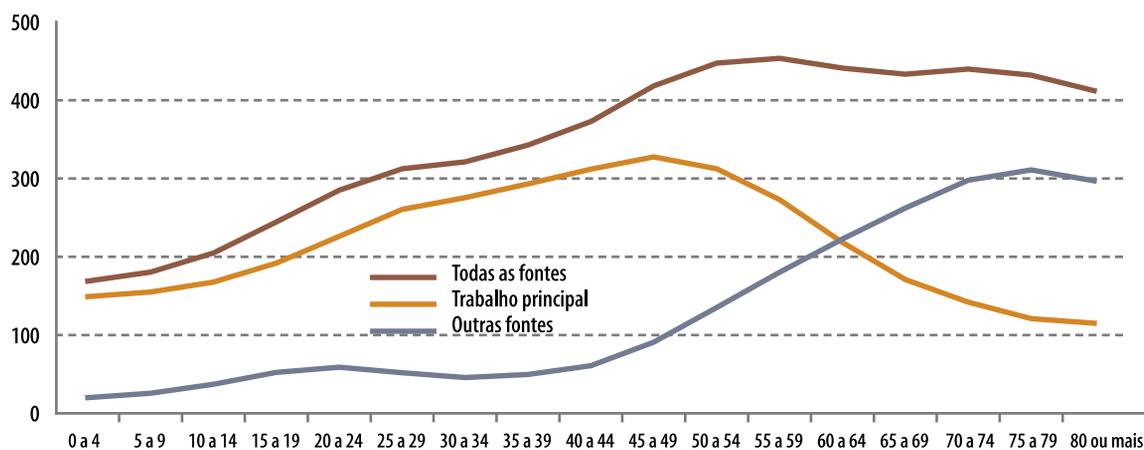
O nosso objetivo aqui é descrever alguns determinantes econômicos do nível de bem-estar da população que se en-

contra na terceira idade, a partir dos resultados da pesquisa Idosos no Brasil feita pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e pela Fundação Perseu Abramo (FPA), reunidas em livro publicado pelas mesmas instituições, que inclui tanto aspectos objetivos como subjetivos. Estes últimos constituem um diferencial relevante desse trabalho que complementam os analisados frequentemente em economia. Outra inovação é analisar o comportamento financeiro dos idosos em relação a crédito consignado vinculado a pensões e aposentadorias.

Fontes — A perspectiva de queda da renda do trabalho nas fases finais do ciclo da vida torna necessária a poupança, se o objetivo for sustentar um mesmo patamar de consumo na terceira idade. O paulatino aumento dos fluxos de rendimentos alternativos aos do trabalho gera uma perfeita suavização da renda de todas as fontes, e do consumo, nas idades mais avançadas, tal como sustenta Modigliani. Na análise da renda familiar *per capita*, a família funcionaria como uma unidade de tomada de decisões de consumo e poupança, e isso implica um processo de socialização da renda dentro dos domicílios.

O gráfico elaborado a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE, apresenta as trajetórias de renda

Trajetórias do ciclo da vida (por anos de idade)
Renda per capita (R\$)



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE.

per capita provenientes do trabalho, de outras fontes e da soma de todas as fontes, ao longo da vida. Observe-se que a renda do trabalho nas idades é representada por uma curva em formato de sino que atinge o pico absoluto de R\$ 327 entre os 45 e os 49 anos de idade e que cai daí para frente, até atingir um valor absoluto de R\$ 168, entre aqueles acima de 60 anos. O aumento das rendas alternativas ao trabalho ao longo da vida pode ser interpretado como evidência da tendência de acumular recursos financeiros, com o objetivo de manter o nível de bem-estar nas etapas finais do ciclo da vida, ocasião em que a renda do trabalho é reduzida. Considerando os fluxos de renda *per capita* dos idosos com mais de 60 anos, observamos as seguintes participações relativas: trabalho (39%), previdência (49%), aluguéis (7%) e outras rendas (6%) que incluíam a renda financeira.

Já de acordo com a pesquisa Idosos no Brasil, a aposentadoria por idade (28%), a aposentadoria por tempo de serviço (26%), a pensão por morte (16%), o trabalho (15%) e a aposentadoria por invalidez (10%) são as principais fontes de renda na velhice. Os idosos foram questionados sobre o conhecimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC), associado à Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), programas que transferem um salário mínimo mensal para aqueles com deficiência e/ou com idade acima de 65 anos, extremamente pobres, ou seja, com renda familiar inferior a ¼ de salário mínimo mensal. Trinta e sete por cento dos idosos afirmaram conhecê-lo. Destes, apenas 1% de forma espontânea, ou seja, sem a necessidade de estimulação do entrevistador. Esse conhecimento foi menor nos grupos mais velhos, uma vez que, entre os de 80 anos ou mais, apenas 19% disseram conhecer o programa.

O recebimento de aposentadoria atinge 64% dos idosos. É bastante diferenciada por gênero: 80% dos homens contra 52% das mulheres são aposentados. As mulheres se aposentam mais por idade enquanto os homens se aposentam mais por tempo de serviço. Entre aqueles que se aposentaram (64%), 83% obteve a aposentadoria por idade ou tempo de serviço (53% dos idosos) e 67% dos que se aposentaram disseram ter desejado a aposentadoria (43% dos idosos), enquanto 11% não queriam se aposentar (7% dos idosos), dado importante a ser considerado pelos planejadores de políticas previdenciárias.

Adaptação — Os dados da pesquisa revelam que, de modo geral, as pessoas não recebem preparação específica para a aposentadoria — 95% dos idosos aposentados declararam não ter tido essa oportunidade. Dentre os idosos que a tiveram, 2% foram em empresas privadas em que trabalhavam e 3% do governo. Nenhuma mulher que trabalhava em empresas privadas participou de programas de preparação para a aposentadoria e apenas 2% receberam alguma preparação para a aposentadoria por parte do governo. Possivelmente, esse dado é afetado pela baixa participação das mulheres hoje idosas no mercado de trabalho. As próximas gerações deverão apresentar uma configuração diferente, pois o traba-

lho feminino fora de casa cresceu muito nas últimas décadas. Por faixa etária, não notamos grandes variações quanto à oferta de programas de preparação para a aposentadoria, a não ser para os homens e mulheres entre 75 e 79 anos, grupo no qual 9% afirmaram ter recebido algum tipo de preparação por parte do governo.

As dificuldades de adaptação à rotina de aposentado geralmente afetam mais o homem do que a mulher (25% contra 21%) — 15% deles e 11% delas indicaram a falta de rotina ou da movimentação do dia-a-dia como as principais barreiras à adaptação. Talvez a menor frequência dessa queixa entre as mulheres se deva ao fato de a aposentadoria significar o retorno às rotinas domésticas, agora sem o peso adicional daquela associada ao trabalho fora de casa.

Aposentados, os idosos acham importante continuar exercendo atividades, como forma de adaptação mais fácil à nova rotina

**Estrutura de consumo (%)
População total e da terceira idade**

	População total	Famílias com pelo menos 50% de idosos				Famílias com idosos	Famílias só com idosos
		Total idosos	Até 8 salários mínimos	Acima de 8 salários mínimos			
Alimentação	27,49	30,23	35,34	24,90	30,43	30,05	
Gêneros alimentícios	24,75	27,96	33,33	22,45	28,20	27,61	
Habitação	31,84	33,00	35,25	30,84	32,97	35,79	
Vestuário	5,40	3,68	2,70	4,52	3,65	3,01	
Roupas	3,46	2,39	1,68	3,01	2,41	1,94	
Roupas masculinas	1,27	0,86	0,67	1,05	0,91	0,67	
Roupas femininas	1,59	1,35	0,85	1,64	1,32	1,20	
Saúde e cuidados pessoais	10,36	15,03	14,47	15,09	14,90	16,79	
Serviços de saúde	3,70	6,81	5,09	8,46	6,74	8,27	
Hospitais e laboratórios	0,15	0,59	0,92	0,30	0,59	0,79	
Médico, dentista e outros	3,55	6,22	4,17	8,16	6,15	7,48	
Produtos médico-odontológicos	2,60	4,91	5,79	3,48	4,89	5,50	
Medicamentos em geral	2,20	4,48	5,47	2,99	4,41	5,22	
Cuidados pessoais	4,06	3,31	3,59	3,15	3,28	3,02	
Educação, leitura e recreação	8,74	4,43	1,81	7,63	4,47	2,84	
Educação	5,76	1,86	0,52	3,91	1,99	0,44	
Leitura	0,43	0,57	0,42	0,76	0,55	0,59	
Recreação	2,56	1,99	0,88	2,96	1,93	1,80	
Transportes	11,72	7,85	6,24	9,06	7,87	6,33	
Transporte público	5,01	3,03	3,36	2,41	3,04	2,16	
Transporte público urbano	4,76	2,91	3,25	2,28	2,94	2,06	
Transporte público interurbano	0,25	0,12	0,10	0,13	0,11	0,10	
Despesas diversas	4,44	5,79	4,19	7,97	5,71	5,19	

Fonte: DGD/IBRE/FGV.

Obs: grupo, subgrupo e item.

Segundo a pesquisa SESC/FPA, os três itens em que os idosos mais gastam individualmente são alimentação, contas e remédios

Dificuldades financeiras foram relatadas por 5% dos homens e por 2% das mulheres. As baixas frequências desse tipo de resposta talvez se devam à presença de reservas acumuladas durante os anos produtivos, exatamente para suavizar o impacto da queda de renda na velhice. As queixas mais frequentes entre os homens talvez derivem do fato de que, na maioria das famílias, cabe a eles

o papel provedor. Com a queda de renda depois da aposentadoria, parte dos homens experimenta problemas em manter o mesmo padrão de vida.

De modo geral, uma vez aposentados, os idosos acham importante continuar exercendo atividades, como forma de adaptação mais fácil à nova rotina. Apontam várias alternativas para dar vazão a essa necessidade: 16% ressaltam o trabalho como opção, e não como obrigação; 13% falam da importância de ter qualquer atividade para ocupar o tempo e a mente; 10% afirmam que é bom ter um trabalho mais leve e adequado à idade; 8% afirmam que é desejável manter o salário para garantir o mesmo padrão de vida; e 8% dizem que gostariam de dedicar-se a cursos, projetos e afazeres voluntários, trabalhando menos horas. Lazer (7%), atividade física (6%) e descanso (5%) gozam de menor importância entre as sugestões dos aposentados. Ou seja, os valores associados ao trabalho permanecem mais presentes entre os idosos do que a ideia de recolhimento a atividades mais lúdicas. No entanto, é importante mencionar que 7% dos idosos disseram que não fazem nada e 30% responderam que não sabiam o que fazer para manter a atividade depois da aposentadoria, o que sugere a oportunidade de ofertar programas de preparação para a aposentadoria que ofereçam orientação quanto a esse aspecto.

Empréstimo — O governo federal tem possibilitado aos aposentados tomar empréstimos com desconto direto na folha de pagamentos do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), até o limite de 30% dos benefícios. Questionados de forma estimulada sobre o conhecimento e a utilização do empréstimo consignado, 23% dos idosos da pesquisa SESC/FPA disseram nunca ter ouvido falar. A proporção daqueles que jamais fizeram o empréstimo decai com a idade, passando de 60% daqueles entre 60 e 64 anos para 42% entre os com 80 anos de idade ou mais. O uso deste canal de crédito é muito mais por necessidade própria do que para repassar aos parentes. Para aqueles entre 65 e 69 anos, por exemplo,

25% utilizaram o empréstimo por necessidade própria contra 4% que o repassaram aos parentes.

Gastos — Perguntados pela pesquisa SESC/FPA sobre os três itens em que mais gastam individualmente, a alimentação ficou em primeiro lugar, sendo mencionada por 93% dos idosos (95% homens e 91% mulheres). Contas (luz, água e telefone) ocupam a segunda posição com 79% das múltiplas respostas entre os homens (83%) e as mulheres (76%). E na terceira colocação, os gastos com remédios (59%) estão menos presentes entre os homens (54%, contra 62% das mulheres).

Elas são as que mais gastam com prestação de lojas (9%, contra 6% entre os homens), e nos itens moradia (8% entre as mulheres contra 6% entre os homens), lazer (4%, contra 3% entre os homens) e auxílio doméstico, como empregada, enfermeira, faxineira (4%, contra 1% deles). As despesas com alimentação diminuem com o passar da idade (94% dos que têm 60 a 64 anos contra 90% dos que têm mais de 80 anos). O mesmo ocorre com contas de luz, água, gás e telefone (82% contra 72%). E a pesquisa revela ainda que 85% dos idosos têm o controle sobre as suas próprias despesas. Ao contrário do que se poderia esperar, os mais velhos entre os idosos não perdem mais controle das despesas.

De maneira geral os dados sugerem que os indivíduos buscam formas de suavização do bem-estar ao longo do tempo, preparando-se para a queda da renda do trabalho nos anos finais do ciclo de vida. De forma consistente com a teoria, os idosos revelaram notável capacidade de suavização de renda. A redução da renda do trabalho observada nesta fase da vida é consistente com a teoria de Modigliani. Entretanto, isto se deve mais à atuação do Estado como provedor de benefícios previdenciários contributivos e não-contributivos, do que de comportamentos privados propriamente ditos. Ou seja, um pseudoagente híbrido formado por indivíduos e pelo Estado atua como agente suavizador de variáveis econômicas associadas ao bem-estar individual. Embora na sua forma pura a teoria seja rejeitada, ela oferece um arcabouço interessante para analisar como a insuficiência de ações privadas é compensada pela ação pública e, igualmente, para aferir os impactos sociais da insuficiência de renda e da desproteção social da população na terceira idade no país.

A pesquisa Idosos no Brasil complementa a análise quantitativa revelando uma série de comportamentos, percepções e atitudes da população da terceira idade que podem ser bastante úteis ao delineamento de políticas públicas. A grande maioria dos idosos tem controle de sua própria despesa, o que denota autonomia, dado interessante que contrasta com o senso comum, segundo o qual os idosos são dependentes. ■

Referências: NERI, M. C. Renda, Consumo e Aposentadoria: Evidências, Atitudes e Percepções In: Idosos no Brasil. Vivências, Desafios e Expectativas na terceira idade. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.